

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Antônio Domingos da Costa, Maria, Rita da Costa Silva, Corina Costa de Matos

Comunidade Poções, município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. “*Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro*” – Entrevista de Antônio Domingos da Costa, Maria; Rita da Costa Silva; Corina Costa de Matos. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

“Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro”

A contar pelo número de manifestações culturais que essa quadra de moradores da comunidade de Poções tem na memória, a cultura local deve ficar bem viva ainda por muito tempo. Eles recordam com alegria de danças, como Nove, Vilão, Catira, Folia de Reis, Coco e Roda, e lamentam que os mais novos, hoje em dia, só queiram saber de forró. É como se uma infinidade de ritmos, ritos e danças fosse reduzida a um só gênero. A falta de oportunidade que empurra muitos a procurar trabalho e estudo, principalmente em São Paulo, é lembrada e destacada. Mesmo assim, costumes centenários permanecem, como o bolo de folha, feito de fubá; a canjiquinha; o ora-pro-nóbis. São alimentos que dão força para lembranças de um tempo de mais união. “Antigamente a gente juntava em mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro. Quando era de tarde, todo mundo que morava perto estava com a roça limpa. Depois, trazia o pé de milho todo enfeitado de notas de dinheiro para dentro daquela casa, e de noite tinha dança”, recorda, saudosa, Corina.

Gostaria de começar perguntando o nome de vocês, idade e de onde vocês são?

Antônio - Eu tenho 63 anos, e sou nascido e criado aqui na comunidade de Poções.

Maria - Sou de 1950, tenho a mesma idade dele, 63 anos, sou nascida e criada aqui também.

Rita - Tenho 66 anos, e também sou nascida e criada aqui em Poções.

Corina - Nascida e criada aqui, e meus avós também já eram nascidos aqui. Estou com 62 anos.

Vocês têm algum parentesco entre vocês?

Tem um galho, somos parentes, tem cunhado etc.

A gente gostaria de saber a idade aproximada de Poções. Vocês até já comentaram que não sabem a data exatamente, mas que seus pais e avós já eram de Poções?

Rita - Bisavô já era de lá.

Antônio - Nossos avós morreram e deixaram nós aqui.

Corina - Minha avó morreu com 80 anos.

Antônio - Meu avô morreu com 120 anos.

Em que ano o seu avô morreu?

Corina - Aí é difícil.

Faz quanto tempo que o seu avô morreu?

Antônio - Eu tinha uns 14 anos, agora estou com 63.

Então tem mais de uns 300 anos a comunidade?

Deve ter sim.

E o que vocês têm de lembrança de seus avós? O que eles passaram de cultura quilombola para vocês?

Dança, Catira, o Nove, Roda, Coco, nosso trabalho, a terra, foram eles que deixaram para nós trabalhar. A religião, nós somos católicos. Nossa comunidade toda era católica e ainda é. Alguns entraram agora em outra religião, mas todos eram católicos.

O senhor falou Catira, o que mais?

Antônio - O Nove.

Quais são as principais manifestações, aqui tem congado também?

Não.

Quais são as principais?

Corina - O Nove, Roda e Catira.

E esses são preservados até hoje.

Sim.

Os avós de vocês dançavam, quem ensinou vocês?

Rita - Nós vimos eles dançando e aprendemos.

Antônio - Tem a Folia de Santo Reis, que também eles que nos ensinaram. Ensinavam não, cantavam, sempre teve na nossa cultura.

E vocês ensinaram para os filhos de vocês, para os netos?

A gente passa, mas muitos não querem saber.

Corina - Antigamente, quando a gente ia nos forrós, nas festas, a primeira que começava tudo era a Roda, as Catiras, o Nove e Vilão. Depois é que pegaram a sanfona e tocavam forró. Faziam uma rodona lá no terreiro, depois era o Vilão, Nove, Catira, jogavam verso. Era bem animado. Hoje não, hoje é só som.

Em que tipo de festas vocês dançam a Catira?

Corina - Antigamente eram nas festas religiosas, festas dos santos da comunidade. Agora hoje, de vez em quando inventa uma festa por aí e faz.

Rita - Mas a festa era que levantava os mastros, e aí tinha festa grande.

Corina - Antigamente a gente juntava num mutirão, e um ajudava a capinar a roça do outro. Quando era de tarde, todo mundo que morava perto estava com a roça limpa. Depois, trazia o pé de milho todo enfeitado de notas de dinheiro para dentro daquela casa, e de noite tinha dança.

Rita - E as mulheres recebiam com uns litros enfeitados.

Corina - Era pinga, não existia nem vinho e nem cerveja, era cachaça.

Antônio - Tinha também suco, groselha, essas coisas.

Corina - E era uma vida maravilhosa.

Antônio - Alguns calçados e outros descalços.

Corina - Ninguém reparava no outro.

O que mudou?

Corina - Mudou tudo. A mocidade hoje é diferente, se não tiver uma calça de marca, não está contente. As moças, se não tiverem uma roupa daquelas compradas lá em Minas Novas, também não estão contentes. Hoje é bem diferente.

Antônio - Vestia aquelas calças de algodão, tecido no tear.

Corina - Tingida com casca de pau. Vestia, ia no forró e dançava sossegada. E limpava arroz no pilão, tirava canjiquinha no milho, à força, e fazia o almoço. Era muito mais forte que hoje. Hoje, se não for arroz bom ninguém quer comer.

Era mais unido?

Corina - É. Feijão de corda, angu, fava. Hoje se não for aquele feijão bom ninguém quer, mudou muita coisa.

E das festas religiosas, vocês continuam com alguma?

Corina - Continua, na nossa comunidade continua. Nós levantamos o mastro todo ano.

Qual festas vocês fazem?

Corina - Nossa Senhora Aparecida.

Que época é?

Corina - Em dezembro.

Que dia de dezembro, ou são vários?

Corina - A gente não marca o dia porque procura fazer de sábado para poder todo mundo participar. O pessoal não está, muita gente vai e fica em São Paulo.

Antônio - A levantada do mastro mesmo é dia 12 de outubro, mas, por causa do pessoal que se esparrama, nós esperamos a turma chegar para poder reunir.

Quantas famílias tem lá na comunidade de vocês?

Corina— Tem 48 famílias.

E qual o principal trabalho dessas famílias? Vocês trabalham ali mesmo ou saem para ganhar o sustento fora?

Corina - Alguns ficam, porque não aguentam mais. Mas alguns têm de ir, porque aqui não está dando. A gente planta, só se chove, se não chove, com muito ou pouco sol, vai ficar esperando o quê?

E planta o quê?

Corina - Planta milho, mandioca, feijão. Mas nem todos dão, só o milho.

Tem algum prato que vocês acham que representa melhor a comunidade de vocês, que é mais comum? Ou mesmo pensando em tempos antigos, no tempo de seus avós?

Corina - Tem o bolo de folha.

O que é o bolo de folha?

Corina - Ele é feito de fubá. A gente faz, enrola na folha de bananeira e leva ao fogo, forno a lenha, e assa. Tem também canjiquinha, algumas pessoas ainda comem. Tem angu, ora-pro-nobis. São esses que nós lembramos dos antigos.

E artesanato?

Corina - Tinha uma mulher que fazia renda, mas ela já morreu. A gente ainda tem o cobertor de linha, que eles faziam.

E não faz mais?

Rita - Ah, agora não.

Seus bisavôs, tataravôs são ex-escravos, que a gente chama de quilombolas. Vocês sabem de que região eles vieram?

Rita e Corina - Ah, é difícil saber.

Vocês não sabem se foi de Diamantina?

Corina - Diamantina era lavação de ouro.

Rita - E nós lavávamos muito na bateia.

Corina - Na bateia ainda lava, ainda ontem mesmo eu lavei. Experimentei, ainda não deu nada, mas eu lavei. Ainda lavo cascalho para caçar ouro.

Até hoje vocês fazem isso?

Corina - Eu lavo. De vez em quando, que agora a coluna não está dando. Mas de vez em quando, quando eu vejo que dá para ir eu vou.

Rita - É, dá uma chuvada.

Mas as pessoas acham alguma coisa?

Corina - Antigamente a gente vivia disso.

Rita - Era fiando na roda para vender os panos.

Corina - Antigamente não existia São Paulo para nós.

Antônio - Trabalhava a semana inteirinha, e quando era sábado, domingo, ia para trocar as coisas para comprar o pão de cada dia.

Quando vocês falam de São Paulo, estão falando de quê, sobre corte de cana ou São Paulo capital mesmo?

Corina - Hoje, a maioria dos meninos novos está indo para a capital mesmo. Mas alguns vão para o café e outros para a cana, então é repartido. Mas na capital tem tantos, eu mesmo tenho dois, e ela tem três ou quatro.

Rita - Agora tem quatro.

Corina - Tem que ir para lá para trabalhar e ter estudo melhor. Aqui não tem, e nós não aguentamos pagar o estudo para eles aqui. A minha filha mesmo está estudando para ser médica, então ela mesma trabalha e paga o estudo dela, a faculdade. E outros vão para o café ou para a cana. O rio agora veio, e levou tudo da roça. Quem fez roça na beira do rio está sem nada. Então vai ficar aqui fazendo o quê, tem que ir trabalhar em São Paulo, para poder comer e beber.